

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Biologia
Ciências Biológicas

Yulnak Tito Kadiwel

Sobreposições de existências: biologias em atravessamentos

Uberlândia
2021

Yulnak Tito Kadiwel

Sobreposições de existências: biológicas em atravessamentos

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadoras: Profa. Dra. Lucia de Fatima Dinelli Estevinho e Profa. Dra. Fernanda Helena Nogueira-Ferreira

Uberlândia

2021

Sobreposições de existências: biológicas em atravessamentos

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
para obtenção do grau de Licenciada no
curso de Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Uberlândia (MG)
pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 16 de Outubro de 2021

Prof^ª. Dr^ª. Fernanda Helena-Nogueira
Docente do Instituto de Biologia
Instituto de Biologia- INBIO

Prof^ª.Dr^ª. Daniela Franco Carvalho
Docente do Instituto de Biologia
Instituto de Biologia- INBIO

Ms. Tiago Amaral Sales
Mestre em Educação
Doutorando pela Faculdade de Educação- FAGED

Resumo

Esse trabalho traz uma trajetória de vida, uma tentativa de quebrar estereótipos acerca de povos indígenas. É um convite a repensar sua relação com a natureza e seus elementos. Tendo a fotografia como forma de expressão e uma ponte entre plantas medicinais vistas de forma acadêmica e plantas medicinais vistas por povos originários, esse estudo é resultado de uma fusão entre os dois conhecimentos. Foram escolhidas plantas de uso comum e de fácil acesso. Essas plantas foram fotografadas sobre suas exsiccatas científicas. As exsiccatas foram retiradas do acervo do Herbarium Uberlandense (UFU) e sobrepostas por um grafismo indígena na etnia Terena que faz parte da minha herança étnica, e então sobrepostas pela planta *in natura*. Essas exsiccatas vem acompanhadas de uma breve explicação sobre a planta, um exemplo de uso e orientações sobre os benefícios de se utilizar a planta daquela forma, que é diferente da forma como a conhecemos e utilizamos em nosso dia a dia.

Palavras-chave: Plantas medicinais, fotografia, indígena, etnia Terena

Abstract

This work brings a trajectory to life, an attempt to break stereotypes about indigenous peoples. It is an invitation to rethink your relationship with nature and its elements. Taking photography as a form of expression and a bridge between medicinal plants seen in an academic way and medicinal plants seen by native peoples, this study is the result of a fusion between the two knowledges. Plants for common use and easy access were chosen. These plants were photographed over their scientific exsiccates. The exsiccates were taken from the collection of the Herbarium Uberlandese (UFU) and overlaid by an indigenous graphic in the Terena ethnic group, which is part of my ethnic heritage, and then overlaid by the in natura plant. These exsiccates are accompanied by a brief explanation about the plant, an example of use and guidance on the benefits of using the plant in that way, which is different from the way we know it and use it in our daily lives.

Keywords: Medicinal plants, photography, indigenous, Terena

Lista de Fotografias:

FOTO 1:Exemplo de exsicata.....	17
FOTO 2: Abacate.....	18
FOTO 3: Açafrão.....	19
FOTO 4:Alecrim.....	20
FOTO 5: Amora.....	21
FOTO 6: Limão.....	22
FOTO 7: Louro.....	23
FOTO 8: Manjericão.....	24
FOTO 9: Maracujá.....	25
FOTO 10: Orégano.....	26

Sumário

1. Introdução	07
2. Desenvolvimento	14
2.1. Construção prática.....	14
2.2 Existências Dúbias e Trajetórias Criativas.....	16
3. Conclusão	27
Referências	28

1. Introdução

Este trabalho tem um traço autobiográfico. Como eu poderia escrever sobre mim e sobre o que eu acredito sem falar de mim, sem mostrar por que sou assim, sem explicar que o que me movimenta e, dentre muitas outras coisas, o que me inspira? Portanto, começarei de onde começam, ou não, todas as autobiografias. “Quem sou eu?”

A pergunta que amedronta a maioria das pessoas, será respondida neste trabalho com muita certeza e orgulho. Meu nome é Yulnak Tito Kadiwel, sou indígena e estudante de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia. Indígena... O que isso significa? Significa que eu vivo entre dois mundos, por muito tempo neguei minha origem, meu sangue e minha força, e hoje elas são orgulho, vontade e coragem. Minha história começa muito antes de mim, antes mesmo de meus avós, e continuará muito depois que eu me for. Como disse Ailton Krenak, em várias de suas belíssimas palestras “profetizam nosso fim, mas nós continuamos enterrando profetas”. Eu sou apenas um fragmento de existência, conectada com a terra por sangue e por escolha, que me faz ter calma perante tempestades. Mas não alongarei muito sobre esse aspecto, traçarei um breve histórico para que você possa se situar e ver as coisas com outros olhos.

Minha avó, Margarida Manoel Sobrinho Cardoso, filha de Teresa Pio e Manoel Sobrinho, ambos do povo Terena, são de uma aldeia no Mato Grosso do Sul, Aldeia Ipegue, a mais antiga dentre as sete aldeias da Terra Indígena Taunay-Ipegue. Na fronteira do pantanal sul-mato-grossense, a terra é parte das primeiras demarcações territoriais, nos primeiros anos do século XX, conquistadas pelo povo Terena, meu avô Lucio Cardoso veio de uma aldeia também no mesmo Estado, filho de Paulina Francisca Mariana do povo Kinikinau e José Cardoso do povo Kadiwéu. Margarida e Lucio deram vida a muitas crianças, e uma delas viria a ser o Sr. Macsuara Kadiwel, para mim, mais conhecido como Pai. Meu pai começou a trabalhar com a medicina da floresta ainda cedo, com pouco mais de 18 anos, e desde então, vende plantas medicinais das mais variadas e para todos os problemas. Rinite, sinusite, enxaqueca, dor de estômago, diabete, talvez precise de estimulantes? Não importa seu problema, meu pai sempre vai ter uma solução natural, um chá, uma infusão, uma pomada, um emplastro. Para vender seus produtos e disseminar o conhecimento da medicina natural, meu pai viaja muito, sendo assim uma dessas viagens foi para a cidade de Uberlândia, onde conheceu uma jovem de cabelos dourados e belos olhos cor de mar, que viria ser minha querida mãe, Srta. Gabriella Tito.

A partir dessa união nasceria uma pequena e forte índia, que é quem escreve este trabalho, quem vai abrir seus horizontes, e seus olhos para coisas inesperadas. Por movimentos do destino meus pais se separaram quando eu ainda era criança. Desde então quem foi responsável pela minha criação foi minha mãe e sua família, portanto, cresci longe da cultura indígena e dos conhecimentos tradicionais, mas nunca me senti acolhida na cultura não-indígena. Tudo é muito diferente. As pessoas são diferentes de mim, tanto fisicamente quanto o jeito de pensar e o jeito de ser, tudo é estranho... Imagine crescer sem nenhuma referência parecida com você, nenhum colega é igual a você, nenhuma propaganda ou programa na televisão tem pessoas parecidas com você. A única vez que você vê alguém parecido com você na televisão esse alguém está sem roupa, pintado, fazendo danças. Coisas que também não tem nenhuma ligação com o seu cotidiano de pessoas não-indígenas, que são cheias de pudores, regras e padrões, além de ser uma romantização dos povos originários. Minha mãe e a família até tentaram incentivar que eu buscasse pelas minhas raízes indígenas, mas queria me encaixar onde a maioria se encaixava, queria ser como as outras garotas da escola, não queria que me olhassem como se eu fosse um “animal de circo”. Cresci assim, negando quem eu era, sem me encaixar direito, sem me encontrar, nem aqui, nem lá, diferente demais de uma branca, sem referência indígena para me espelhar. Até que na adolescência, quase idade adulta, comecei a me interessar pelo movimento indígena, principalmente em redes sociais, com Mídia Índia, Radio Yandé. Comecei a me aceitar como indígena, e buscar mais sobre isso, questionar certas coisas. Deste momento em diante me vi sem saída, nada mais me restava a não ser aceitar e defender com unhas e dentes aquilo que eu sempre fui. Entendi então a beleza da diferença, a força da ancestralidade. Com incentivo de minha mãe e dos amigos próximos, fui conhecendo melhor quem eu era, de onde vinha e qual era o meu papel nisso tudo.

Escolhi o curso de Ciências Biológicas porque sempre fui muito curiosa, sempre quis saber como e por que tudo funcionava, e como as coisas se relacionam. Sempre fui fascinada por plantas, animais, e natureza de um modo geral, hoje em dia sei reconhecer a relação que eu tenho com a natureza. Ela me cura, o vento desata os nós da minha mente, a terra me ensina a germinar e celebrar a vida, a água me ensina a ser fluída e não parar perante os obstáculos, o fogo me ensina a ser intensa e aquecer aqueles que precisam de acalento, quanto às plantas e animais, me ensinam que todos estamos conectados, que um não existe sem o outro, que podemos ser graciosos e ferozes ao mesmo tempo, me ensinam equilíbrio. Pelo pouco contato com meu pai, ele não me ensinou sobre a cura com plantas, mas nos últimos tempos toda oportunidade que tenho pergunto alguma coisa e ele me ensina com muita paciência, sempre

me lembrando que a mesma planta pode ser usada de várias maneiras, e que excessos podem ser tóxicos.

Dentro do curso de Ciências Biológicas enfrentei as mesmas dificuldades que enfrentei a minha vida toda, uma curiosidade estranha, e perguntas como “O que você come?”; “O que você veste?”; “Como entrou na universidade?” “Sem contar os comentários do estilo “índio de iphone e calça jeans”, “faz a dança da chuva pra gente” ... Me perguntavam como e porque eu estava ali. Percebi ainda mais como era a visão romântica criada por alguns antropólogos, e reafirmada por historiadores, acadêmicos, mídias, ideias e ideais perpetuados por pessoas não-indígenas. Visão essa que é uma ideia irreal de que existimos e resistimos apenas nas matas intocadas, vivendo de peixe, canto e dança. É certo que temos nossas culturas e tradições, e elas são diferentes das tradições não-indígenas e estão intimamente ligadas a Terra e seus elementos, e muitas vezes espiritualidades. Mas isso não significa que somos atrasados, primitivos, que temos que ser inseridos na sociedade. Existimos, portanto já estamos inseridos. Não-indígenas, comemos comidas que foram descobertas aqui, tem hábitos que aprenderam com os nativos, e nenhum deles deixou de ter sobrenome italiano e ter orgulho das origens europeias. Por que é que eu com minha calça jeans, minha tecnologia devo deixar de ser eu-indígena ~~por isso?~~ Estamos em 2020, estamos desde 1500 reconquistando territórios e explorando novos, usando as invenções urbanas e capitalistas para cada vez mais reafirmar nossas raízes, e honrar a memória daqueles que pereceram em luta. Está na hora de reescrevermos a nossa história, trazê-la um pouco mais para a realidade. Uma pequena busca pelo Instagram ou Youtube, você pode ter acesso a jovens indígenas desmistificando e decolonizando esse tipo de pensamento, Katu Mirin, Cristian Wariu, Edivan Fulni-ô, Taily Terena, Idjahure Kadiwel, são alguns dos jovens que fazem esse trabalho, através de conteúdo digital. Antes deles temos Ailton Krenak que em 1988, na formulação da Constituinte destacou a importância dos povos indígenas, não só como vidas, mas também como história, tradição, cultura, temos Daniel Munduruku que traz uma nova visão sobre educação, David Kopenawá, que nos traz uma cosmovisão sobre o mundo e nossa existência. Sonia Guajajara que luta politicamente por nossos direitos. Sem contar todas as anciãs e anciãos presentes neste país que seguram uns nas mãos dos outros e nas mãos dos jovens pelo direito de viver e existir.

Esse pensamento romantizado me faz pensar que as pessoas imaginam que eu vim de 1500 e entrei na universidade. As pessoas se esquecem que os povos indígenas foram aculturados e forçados a entrar no mundo não-indígena. A graduação foi acontecendo e entrei no PIBID Biologia, onde tive oportunidade de desenvolver e aumentar meu amor pela docência,

e também onde pude me expressar melhor sobre a questão indígena. Com incentivo dos professores responsáveis, família e amigos, tive coragem para desenvolver oficinas para quebrar esse estereótipo do indígena canibal, que vive sem roupa e é preguiçoso. Desde então, meu trabalho vem sendo esse, desmistificar o ser-indígena, principalmente o indígena urbano em retomada cultural, e seus costumes e enaltecer o conhecimento tradicional, movimento que vem crescendo entre os jovens indígenas. Vejo mídias, coletivos e a juventude indígenas engajados na luta, como meu pai e meus tios um dia foram, lutando para mudança do pensamento, lutando pelo espaço que é nosso por direito, lutando pelo direito de existir.

Nossa própria existência é resistência, potência e força, mas como posso demonstrar isso dentro da biologia? Como enaltecer conhecimento tradicional dentro da minha área de formação? E como expor isso para o mundo de forma prática e simples que todos podem entender? E é nesse momento que conheço a etnobotânica e a fotografia. Vamos começar pela etnobotânica e aprofundar sobre a fotografia mais adiante.

Antes de definir a etnobotânica é necessário entender de onde e porque ela nasce. Antônio Carlos Diegues organizou uma quantidade significativa de trabalhos em um livro intitulado “Etnoconservação: Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos”, que aborda o surgimento da etnobiologia e suas vertentes, sendo uma delas a etnobotânica. Em seu trabalho, Diegues afirma que, junto com a crescente preocupação com a natureza e paisagens intocadas, ideias presas de que as coisas são imutáveis e imaculadas, surgiu também o questionamento sobre a melhor forma de conservação. Para nós, a natureza e seus elementos são sagrados e carregam espíritos, mas entendemos o ciclo da vida, as coisas mudam, entendemos também que fazemos parte e não que somos seres alheios, e é possível perceber isso em conversas com indígenas mais velhos, como meu pai. Nos EUA e países desenvolvidos e dominantes, principalmente com ideias eurocênicas e coloniais, que tratam os países colonizados como inferiores ou incapazes, a ideia mais adotada e emergente era a de que a forma mais eficaz de conservação eram os parques, reservas ou unidades de conservação, que delimitavam espaços de “natureza intocada” e belas paisagens. Esses parques e reservas, que mesmo contribuindo imensamente para conservação assumem que as relações entre a natureza e os povos são iguais em todo o mundo, sem contar que, por um embasamento teórico na ecologia tradicional, coloca o homem como um ser alheio a natureza, uma força externa que não interage nem faz parte daquele ambiente. A partir deste momento esses parques e reservas, muitas vezes, assumem uma forma de comércio, onde empregam pessoas para manutenção,

entradas são cobradas para visitação, ONGs e cientistas se aproveitam para fazer experimentos e desenvolver pesquisas com plantas e animais nativos daquela região.

Já que funcionou para eles, levaram essa ideia adiante para os países do Sul, onde existem mais paisagens selvagens e partes de “natureza intocada”. O que daria certo se essa visão não fosse impositiva e desconsiderasse a rela o dos povos tradicionais com aquele território, tanto nos países do norte quanto nos países do sul. Essa imposi o também   considerada uma forma de domina o, onde os países colonizadores impõem uma maneira de ser sobre países que eles afirmam ter controle sobre, e isso inclui o desrespeito com a rela o dos povos tradicionais com a terra, as rela es dos animais nativos com aquele espaço, e desconsidera principalmente que aquele território não   intocado e que muitas vezes assumiu essa forma por ter uma presença humana durante sua forma o, seja por queimadas causadas por eles, seja por trilhas, podemos até pensar que humanos agiram como dispersores de sementes, levando espécies de um lado para o outro, ajudando a configura o de preda o de um local, são questões a se pensar sobre e ajudar a perceber que fazemos parte da natureza, e sem ela nós também não existimos, o respeito deve ser por todos seres vivos e não somente de um ser humano para outro.

Marie Rou  e Sahotra Sarkar afirmam em seus trabalhos que muitas florestas têm a configura o e desenvolvimento que têm hoje por terem tido contato com civiliza es tradicionais. Os rituais, a considera o de algumas partes da mata como sagrada auxilia na preserva o, e molda o território de acordo com a necessidade, conhecer aquele local e dizer quando   melhor queimar, plantar ou colher, são fatores de suma importância para forma o de grandes florestas como conhecemos hoje. Para além disso, os povos originários auxiliam, muitas vezes com controles populacionais, e evitam extin es porque sabem utilizar os recursos locais. E por isso os autores dessa cole o, como Diegues, Sarkar, Rou  e outros defendem a etnoc ncia e suas vertentes (etnobiologia, etnoecologia, etnobotânica, etnoictiologia, e muitas outras áreas).

Kaus e Gom z-Pompa questionam o porquê adotamos crenças ocidentais, não-indígenas, não-tradicionais para pautar o ensino e formar nossas políticas ambientais e afirmam que ignorar os conhecimentos tradicionais contribui para uma educa o classista, preconceituosa, onde o conhecimento e conteúdo não são importantes. Também defendem que a única forma de mudar essa realidade   unindo o conhecimento tradicional e científico e levar essa união para o ensino. Edna Ramos de Castro aborda os mesmos pontos que Kaus e Gom z-Pompa, e ainda levanta outro ponto importantíssimo, sobre a luta dos povos tradicionais, já que

não existe nenhum instrumento legal e efetivo de defesa do conhecimento dos povos tradicionais. Portanto a luta acaba sendo não só para existência física, mas também cultural e ancestral. Outro ponto importante levantado por essa autora, e que depois de acompanhar de perto algumas situações, confirmo que a terra para um indígena, nunca é só uma terra. Não é pelo bem material, não é pelo que aquilo pode gerar financeiramente. A terra para nós é força, é lar, é espírito, a nossa terra tem conotações diferentes do que vem a ser a terra para um não-indígena. Sonia Guajajara fala de forma belíssima em um discurso contra a PEC-215. Em 1988, Krenak tem sua fala na constituinte. Ambos vídeos podem ser achados facilmente no documentário Índio Cidadão, de 2015.

Você que se pergunta onde entra a fotografia em toda essa discussão sobre etnobotânica, é agora que ela entra como forma de expor e enaltecer os conhecimentos tradicionais e também como linha que vai costurar as partes de um tecido: a biologia científica como conhecemos no curso de Ciências Biológicas, biologia ocidental. E, para fugir dela, buscar uma rota de fuga desta biologia, e costurar nela os conhecimentos tradicionais, especialmente os indígenas. A costura vai ser feita usando os conhecimentos tradicionais e arte indígena de marcar corpos e objetos na forma de grafismos.

A fotografia pode ser muitas coisas, e uma delas é a fuga, como afirma Sontag no livro **Sobre Fotografias**. Seja essa fuga consciente ou não, através da fotografia fugimos de nossa própria vida, do nosso cotidiano, dos nossos compromissos separados por 10 minutos, dos pensamentos futuros que nos afligem, saímos de um estado automático e passamos a perceber algo que até então não significava nada. Pegamos nossas câmeras e registramos aquele momento/ objeto/ pessoa e nesse instante imortalizamos algo, capturamos a essência de uma pessoa, damos um close em algo que passaria despercebido, podemos dar importância a um momento que não era nada, ou ter uma recordação física de um momento especial.

A fotografia como um todo tem um sentido dúbio e fluido, ela pode ser banal ou impactante, e o mais curioso é que esse poder depende apenas do espectador. Esse sentido fluido permite que a fotografia tenha várias formas, ela pode ser, artística, científica, sentimental, despida de julgamentos, coberta de razão, descritiva, ou ter sentidos ainda inexplorados. Mas uma coisa sobre ela é certa, ela traz beleza e desperta um sentimento em quem a aprecia. Sontag também aborda que a fotografia como arte teve várias interpretações, foi amada e odiada. Foi vista como algo inovador, moderno e futurístico. Mas também foi visto como inimigo da pintura, algo que tomaria seu lugar e por isso, odiada por muitos pintores.

Sendo aliada ou inimiga da pintura não importa, o fato é que a fotografia veio para quebrar o sentido de beleza restrito e clássico, ela expandiu horizontes e rompeu com o lírico, permitiu que cada indivíduo, nesse caso o fotógrafo, indique o que ele acha belo. Seriam pessoas nuas, pessoas estranhas e diferentes, flores, animais, cidades, uma garrafa de leite? Se olharmos um objeto de um ângulo diferente ele se torna belo para nós como para o fotógrafo? A fotografia permite o flerte com o cotidiano, o despercebido, o novo, o estranho, e com a própria beleza clássica.

Segundo Sontag, o fotógrafo é um tipo de caçador que se arma de uma câmera e mata através da imortalização de um momento. Com a foto desse momento, ele pode: dizer o que você deve achar belo, te fazer refletir, trazer um novo sentido para algum objeto, te informar, te despertar. O fotógrafo passa a ver tudo como fotografia, cada momento, cada lugar, cada rosto, se enquadrado de maneira X, Y ou Z se tornaria uma bela captura. Para mim, uma das coisas mais incríveis da relação fotografia-fotógrafo, é que através de um podemos conhecer melhor o outro, existem fotógrafos que só enquadram de um jeito, ou só editam suas fotos com certo filtro, ou só fotografam natureza, ou mulheres nuas, um carrega a assinatura e o sentimento do outro. A fotografia também é uma forma de expressão muito íntima de um indivíduo, já que só ele é capaz de ver uma pessoa ou objeto daquela forma. A fotografia, assim como outras artes, carrega nossas marcas, nossos processos e nossas urgências. Por isso, importa pra mim: por que me expresso, porque registro minhas marcas, o que me atravessa. Em uma conversa com o produtor indígena de audiovisual Gilmar Terena ele me diz que uma produção audiovisual entre os povos indígenas tem se tornado muito forte, pois é um jeito de registrar nosso modo de ser e existir, além de aproximar os jovens dos mais velhos e fazer um encontro cultural e tradicional dos povos do Brasil. Nessa mesma conversa, ele destaca a importância de registrar não só os ataques que sofremos, mas também quem somos e como vivemos, é importante lembrar que somos um povo e temos várias facetas e camadas além da luta. A luta é a mais forte característica porque, como diz Krenak no documentário Guerras do Brasil.doc, estamos em guerra o tempo todo.

A fotografia é, para mim, despertar, atribuir importância, se conhecer e se expressar, descrever, alertar, eternizar, e nada melhor do que essa forma de arte e expressão tão fluida e permissiva para expor o que eu quero com este trabalho. A fotografia foi a forma mais simples, direta, artística e de fácil entendimento que eu encontrei para que o conhecimento se espalhe e não fique somente dentro do meio acadêmico e atinja também outros públicos. Esse trabalho talvez não tenha um objetivo específico e certo, mas certamente foi bom olhar para dentro, e

costurar minha existência indígena com a minha existência bióloga e sobrepor isso tudo a uma pessoa, que é o meu ser e minha existência.

2. Desenvolvimento

2.1. Construção artística

A metodologia consiste em estudar, analisar e me inspirar nas obras de artistas, em especial fotógrafos que utilizam plantas em suas obras, como Alberto Baraya e Rodrigo Braga, e artistas que fazem sobreposições como Susana Dias e Alessandra Penha em Floresta². E estudar na literatura acadêmica o uso medicinal de algumas plantas. O próximo passo seria fazer uma visita ao herbário da Universidade Federal de Uberlândia, o Herbarium Uberlandenses, para um primeiro contato e uma observação da coleção de plantas medicinais que estão catalogadas. Após esse contato com o HUFU, seriam escolhidas 9 plantas para serem brevemente descritas de forma científica e como elas são utilizadas medicinalmente por povos tradicionais.

A escolha seria feita de acordo com a disponibilidade das plantas no estande de vendas do meu pai, que se situa na Praça Ismene Mendes, e com a presença delas no acervo do HUFU. Depois desta escolha, as plantas seriam coletadas do estande de vendas, e organizadas para a montagem das exsicatas. Bom, essa seria a metodologia se o mundo não tivesse sido acometido pela pandemia de COVID-19, que teve início no Brasil em março de 2020. O que impossibilitou que eu visitasse tanto o herbário quanto meu pai, pois prezei o bem estar físico de todos e todas que estariam envolvidos neste processo: funcionários do Herbário, meu pai e a mim. Considerando este cenário incerto, e medonho, adaptei a prática para o seguinte.

Serão utilizadas plantas de fácil acesso a população, plantas que são utilizadas como temperos, ou frutas, que podem ser encontradas no mercado ou numa loja de produtos naturais sem grandes dificuldades como por exemplo: canela, louro, manjericão, babosa e por aí vai. O uso medicinal será consultado em livros de plantas medicinais e em conversas com indígenas, com o meu pai, Macsuara Kadiwel e Gilmar Terena. É muito difícil coletar informações escritas em relação a medicina indígena pois nossa cultura se dissemina através da oralidade, portanto utilizarei também livros escritos por não indígenas para este trabalho.

A montagem das obras, e realização das fotografias não serão afetadas pela pandemia, já que posso realizá-las de forma segura no conforto do meu lar. As exsicatas serão montadas de uma forma diferente, para que conhecimento indígena e popular sejam colocados junto com as informações científicas sobre as plantas. Elas serão posicionadas em uma foto tamanho A3

(42x30), utilizando o aplicativo Snapseed e Lightroom de modo a sobrepor a fotografia da exsicata a um grafismo indígena da etnia Terena, etnia a qual pertence por parte de minha avó. A ideia da sobreposição é trazer fluidez a essa imagem, diluindo as regras da Ciência ocidental que estão marcadas na exsicata e deixando o grafismo indígena com uma marca mais forte.

Nesse ponto, eu te pergunto, se você tivesse mais contato com plantas, se você se sentisse inserido e se sentindo como parte da natureza, sua visão sobre ela seria diferente? E se você tivesse uma educação que te ensinasse a pensar somente no agora, e como você e a natureza estão intimamente ligados, você a preservaria por medo de não mais existir, ou você faria como agora, onde a preservação se trata de ter algo “puro e intocado” para se observar? Se você se vê fazendo parte da natureza, se você se conectar a ela, você a preserva porque a respeita. Ideal que inclusive romantizou a existência de povos originários e hoje não podemos exercer nossa liberdade de viver e ser sem que alguém questione nossa cultura, nossos jeitos, nossas posses. O ensino colonialista não só criou uma ideia de natureza, mas um ideal de povo originário, e mais ainda um ideal de como os dois devem ser defendidos e mantidos intactos daquela forma. Será que é possível repensarmos nossa forma de aprender e ensinar sobre o mundo natural? Gosto da resposta que Daniel Munduruku deu em uma entrevista quando o questionaram sobre a internet:

“A Internet é para mim uma flecha supersônica. Se for lançada com agilidade e certeza, ela irá atingir seu alvo. Preciso e devo me comunicar utilizando este instrumental. É uma forma de manter-nos vivos, pois assim nos fazemos conhecidos. Hoje me confesso um escravo da internet e acredito que nossa gente também precisa manipular este instrumental como condição para sua sobrevivência.”

Trouxe essa reflexão acerca da internet, mas isso pode ser aplicado em qualquer espaço, porque devemos parar no tempo se somos, principalmente, seres do agora? Querer preservar nossa cultura e tradições não é nenhum crime. Os brancos podem celebrar a Oktoberfest por terem antepassados alemães, ou fazer uma massa fresca porque era como a bisnonna fazia, ou usar um turbante como os afro-brasileiros o fazem. Nós indígenas queremos nosso Kohixoti Kipaé (Dança da Ema-tradicional de alguns povos sul mato grossenses, como o Terena), ou Kuarup (ritual de homenagem aos mortos dos povos do Xingu), ou qualquer outro aspecto da nossa herança cultural.

Agora chegou a hora de apresentar as queridas plantinhas que eu escolhi para este trabalho. A escolha se deu por vários aspectos, sendo um deles a facilidade de acesso, plantas que podem ser encontradas em supermercados ou lojas de produtos naturais, e que muitas vezes temos em casa e se usarmos de outra forma podemos tirar melhor proveito delas. Além da

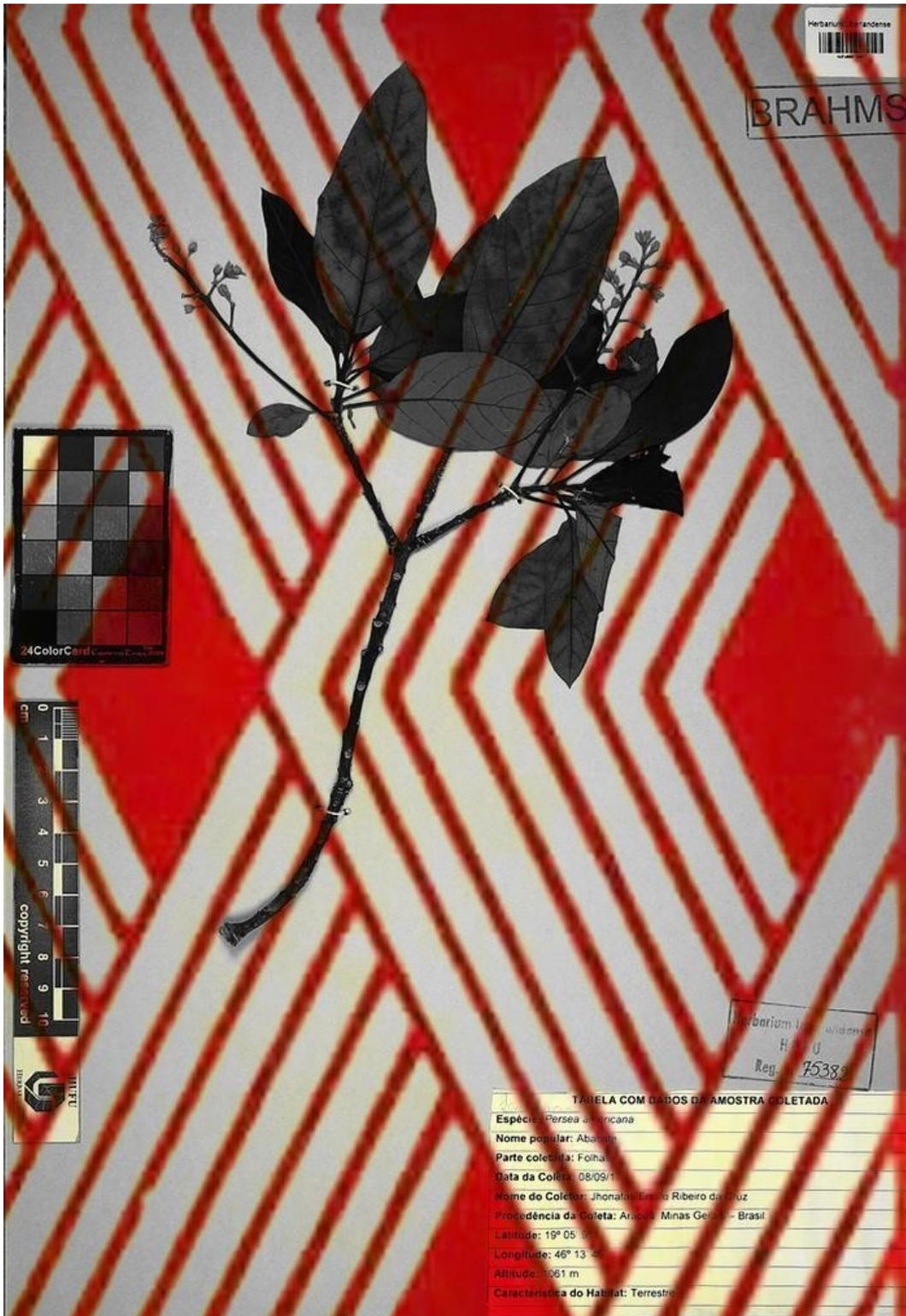
facilidade de acesso, outro ponto decisivo para a escolha das plantas foi a visualização da foto, por exemplo, ao pensar no abacate eu consegui visualizar bem como eu faria a sobreposição da fruta na foto da exsicata-grafismo, e como eu montaria essa foto, diferente da maçã que eu não consegui ter essa mesma visualização.

2.2. Existências dúbias e trajetória criativa

As plantas são seres muito peculiares, temos uma diversidade de estudos sobre elas na biologia científica ocidental: estudamos compostos isolados, anatomia isoladas, sua evolução, e também estudamos suas aplicações na nossa vida, de forma nutricional e também, de forma medicinal, até porque, muitos remédios e compostos quimicamente sintetizados de medicações da medicina moderna, vieram do aprimoramento e estudos desses compostos naturais. Além disso, plantas não são só conhecidas pelo meio acadêmico científico, a população também as conhece, assim como a ciência conheceu algumas de suas aplicações, pessoas conhecem outras maneiras de utilizá-las. Dentre as diversas formas de usar as plantas, apresento alguns termos para facilitar a leitura e entendimento do uso de cada uma: infusão é quando colocamos a água para ferver e adicionamos a planta só depois do ponto de fervura e deixamos assim por alguns minutos, de preferência com a mistura tampada. Já a decocção é quando adicionamos à planta antes da água atingir a fervura.

A trajetória criativa aconteceu de forma muito natural, eu tive uma ideia bem clara do resultado final, o que faltava era apenas a execução. E como toda criação, houveram erros, falhas e recomeços, o primeiro deles foi o desenho das bordas de grafismo em cada folha de papel. Em um primeiro momento a ideia era desenhar um grafismo diferente em cada folha, e depois pintá-los com tinta preta ou vermelha, mas no primeiro teste percebi e me lembrei que, eu não desenho bem e o resultado ficou terrível, optei por imprimir os grafismos nas folhas em sobrepondo as exsicatas científicas, que foram baixadas dos herbários virtuais da UFU e da USP.

O segundo passo é preparar o cenário, para tirar as fotos com as frutas, temperos e plantas em cima das Exsicatas-Grafismos, O jogo de luz e sombra foram pensados para dar profundidade e um pouco mais de vida à foto, dar uma ideia tridimensional. Deixo aqui a trajetória de como tudo foi feito:



Essa seria a primeira versão das exsicatas, antes de serem sobrepostas pelas plantas *in natura*. As versões finalizadas, digamos assim, estarão dispostas ao final de cada descrição de uso das plantinhas.

Abacate

O abacate, da família *Lauraceae*, cientificamente conhecido como *Persea americana* é uma planta de fácil acesso, muito utilizada na culinária brasileira na forma de vitamina, ou comido com açúcar, em outros países da América Latina é ingerido de forma salgada como acompanhamento de lanches, conhecido como Guacamole. O fruto é uma excelente fonte de vitaminas, ácidos graxos e muitos outros compostos benéficos para saúde, mas além do fruto as folhas, sementes, cascas ou brotos, também podem ser usados na forma de óleo, xarope, extrato- líquido, pó, tintura e chás (decocto ou infuso). O uso mais comum é na forma de óleo, extraído da polpa ou semente, ou óleo essencial. O óleo essencial de abacate, tem ação antibacteriana, o óleo da polpa do fruto tem ação anti raquítica, vermífuga, carminativa, emenagoga, anti cárie. O óleo da semente, se utilizado em alcoolaturas, de maneira externa age contra dores articulares e reumatismo. Para preparo da alcoalatra corta-se uma semente de abacate e a coloca em um recipiente, cobre-a com álcool e a deixa em repouso por sete dias e depois se aplica externamente na área dolorida com massagens.



Açafrão (Cúrcuma)

O açafrão, também conhecido como cúrcuma ou açafrão da terra, da família *Zingiberaceae*, cientificamente conhecido como *Curcuma longa*, muito utilizado como tempero, também tem um uso medicinal. A parte mais utilizada são os rizomas em pó, e além deste as folhas decoctas podem ser usadas para lavar feridas. O pó dos rizomas pode ser utilizado como chá (infuso ou decocto) e tem ação antiinflamatória, excitante, diurético, estomáquico, antidiarreico, antiescorbútico, antiespasmódico. Para preparar um chá de açafrão coloca-se uma colher de sobremesa em 100ml de água, deixe ferver por alguns minutos, coe e beba, ou espere a água ferver jogue o açafrão e deixe descansar por cinco minutos, coe e beba.



Alecrim

O alecrim, da família *Lamiaceae*, cientificamente conhecido como *Rosmarinus officinalis*, também utilizado como um tempero, em especial para carnes e/ou legumes. A parte mais utilizada são as folhas, mas também se utiliza as flores. Pode ser utilizado como chá, óleo essencial. São estimulantes, abortivas, emenagogas, combatem inflamações no fígado e rins, dores de cabeça, também é cicatrizante, e auxilia no combate a alergias e resfriados, o óleo essencial é tratamento auxiliar contra a depressão. Para preparação do chá ferva duas colheres de sopa de folhas de alecrim em 1L de água, beba sem adoçar ao longo do dia. Ou faça porções menores.



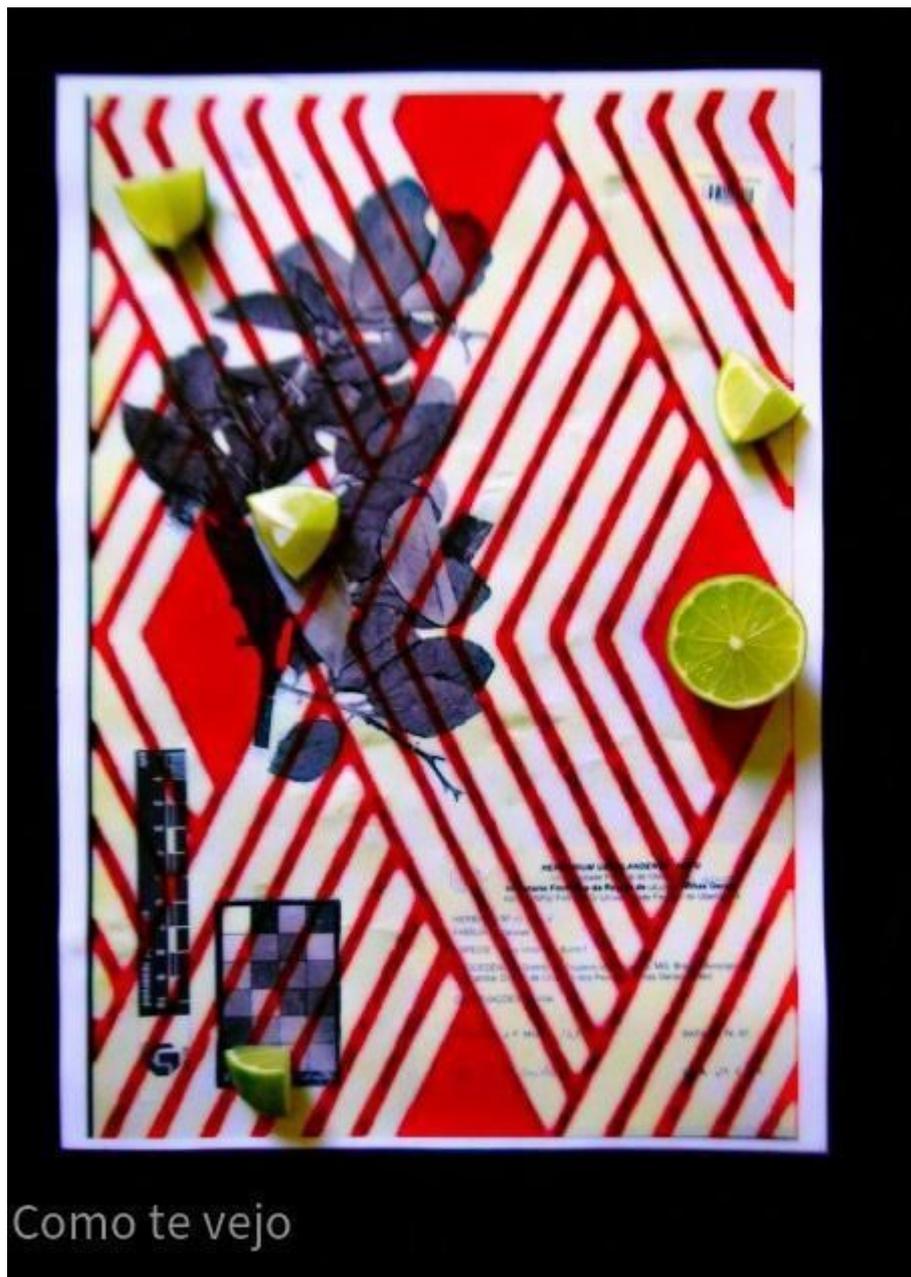
Amora

A amora, da família *Moraceae*, cientificamente conhecida como *Morus nigra*, é uma fruta deliciosa e succulenta e além disso pode ser usada medicinalmente, além das frutinhas incríveis podemos usar as folhas, casca da árvore ou córtex da raiz. São utilizados principalmente como chás (infusos ou decoctos) e xaropes. Tem efeito laxativo, o gargarejo do xarope combate inflamação de garganta e boca. Os chás da casca e da folha, agem contra bronquite e diabetes. Para 1L de água ferva de 5 a 10 folhas ou frutos de amora, beba sem açúcar.



Limão

O limão, da família *Rutaceae*, cientificamente conhecido como *Citrus limon*, usado como tempero e ingredientes para bebidas, também é um forte aliado no combate a resfriados e gripes, além de antiescorbútico. Além do sumo da fruta, podem ser utilizadas as casca do fruto, as folhas, e o óleo essencial. O óleo essencial tem forte ação calmante e energizante. Para um chá de limão, ferva um limão cortado na metade, sem sementes, esprema o sumo na água e jogue as cascas na água também. Espere alguns minutos, coe e beba.



Louro

O louro, da família *Lauraceae*, cientificamente conhecido como *Laurus nobilis*, por alguns usado como tempero, pode ser usado também na forma de chás, e além da folha pode ser utilizado o fruto. Tem ação digestiva, estimulante, e anti séptica. Para o chá, ferva uma xícara de água com 2 ou 3 folhas de louro, coe e beba.



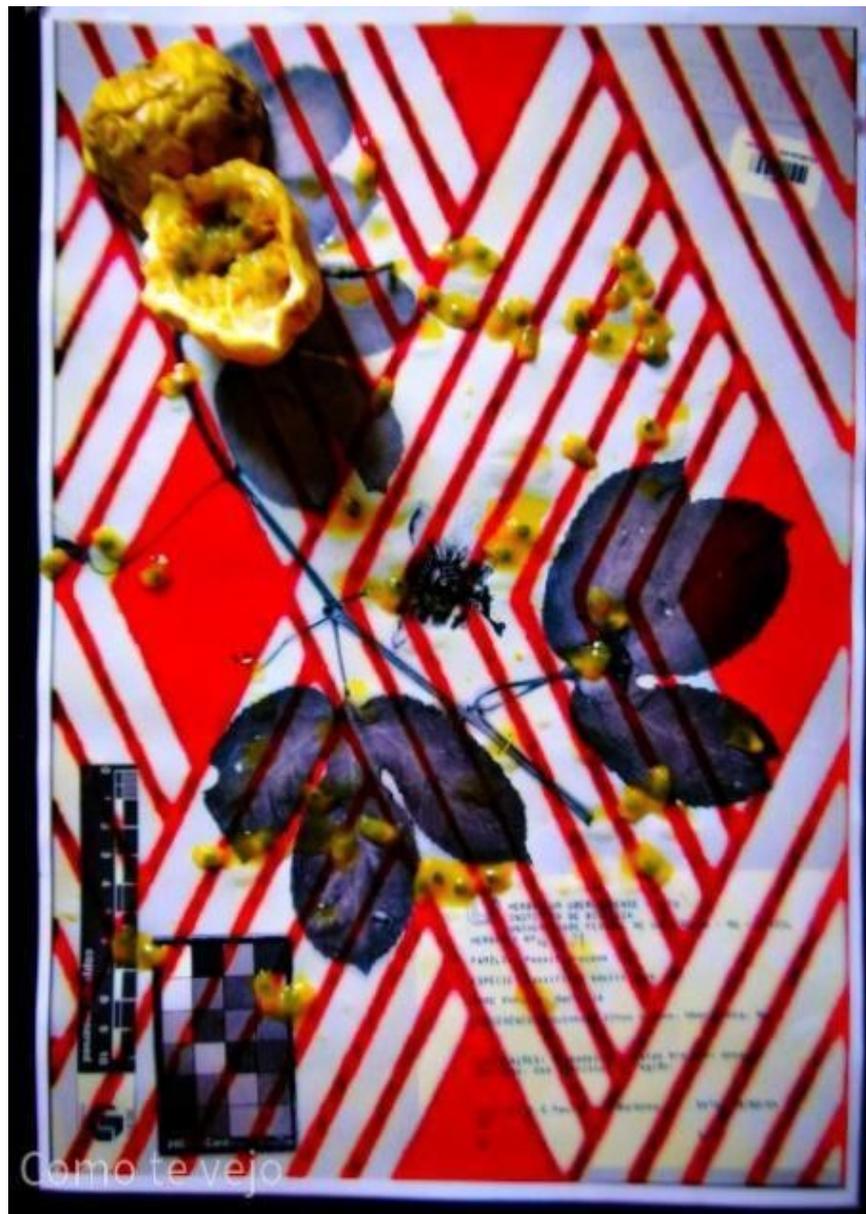
Manjerição

O manjerição, da família *Lauraceae*, cientificamente conhecido como *Ocimum basilicum*,   muito usado como tempero, em especial para molhos e massas, porém podemos utilizar ele como chá (infuso ou decocto) tanto das folhas quanto das flores, tem a o calmante e digestiva. Para o chá, ferva uma xícara de água com 10 folhas de manjerição, coe e beba.



Maracujá

O maracujá, da família *Passifloraceae*, cientificamente conhecida como *Passiflora quadrangularis*, é uma fruta usada em bebidas, doces, molhos e até geleias. Além da polpa da fruta, podemos utilizar as folhas e flores. Estas têm efeito calmante e sedativo, usado no tratamento de insônia, ansiedade e crises de pânico. Para um chá de folha de maracujá ferva 200ml de água, quando ferver adicione 2 colheres de chá de folhas (secas ou frescas) abafar por alguns minutos, coe e beba. Pode causar sonolência.



Orégano

O orégano, da família *Lamiaceae*, cientificamente conhecido como *Origanum vulgare*, usado como tempero, principalmente em molhos e massas, também tem ações medicinais se utilizado com chá, e toda planta pode ser usada. Tem ação expectorante, digestiva, age contra bronquite, asma, é antiespasmódico e calmante. Para o chá, ferva duas colheres de sopa em 1L de água, coe e beba.



4. Conclusão

Por fim é necessário que eu te mostre como isso tudo está conectado, fotografias, plantas, uso medicinal, minha existência, minha resistência. A verdade é que, eu não sei muito bem como explicar o porquê disso estar junto; no meu coração sempre esteve, na minha mente sempre esteve, como explicamos para alguém algo que sentimos tão profundamente;

Curioso, difícil aos olhos, mas acredito que falando do coração, tudo se simplifica

Minha trajetória acadêmica sempre foi de resistência, enquanto pibidiana participei dos movimentos em favor da educação ao lado dos meus professores e das minhas professoras; como uma mulher luto pela equidade social; como uma pessoa da comunidade LGBTQIA+ luto pelo fim de preconceitos; como indígena sempre lutei e sigo lutando para que nos vejam além de estereótipos, ideias e ideais retrógrados.

Junto e misturado com tudo isso, a arte, sempre foi, aos meus olhos, a forma mais sutil e impactante para se transmitir uma mensagem, não só fotografia, mas arte em suas inúmeras e belas formas, pinturas, vídeos, textos, poemas, esculturas, a lista seria infundável. A arte sempre traduz algo que sentimos de dentro, algo que queremos transbordar queremos que alguém além de nós se identifique ou minimamente entenda o que está dentro de nós. Para mim, usar a fotografia como forma de arte nada mais foi que unir, foi uma forma de lutar com o coração e expor o que sinto, da mesma forma que uma linha costura uma colcha de retalhos, dando vida, espaço e sentido ao que até então eram pedaços soltos de tecido.

Até mesmo a escolha de algumas plantas teve um toque sentimental, como o alecrim que foi um pedido da minha mãe, açafrão que é marca registrada na culinária do meu melhor amigo e companheiro.

Nada escrito nessas páginas foi feito sem aprovação da minha intuição e do meu coração e, talvez essa seja a forma mais sincera que eu consigo explicar sobre...

Referências

ARRUDA, Reinaldo S.V. “Populações Tradicionais” e a Proteção dos Recursos Naturais em Unidades de Conservação in: DIEGUES, Antônio Carlos (org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 1. Ed. São Paulo: HUCITEC NUPAUB- USP, 2000. p. 273-288.

CASTRO, Edna. Território, Biodiversidades e Saberes de Populações Tradicionais in: DIEGUES, Antônio Carlos (org.) *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 1. Ed. São Paulo: HUCITEC NUPAUB- USP, 2000. p.165-181.

COLCHESTER, Marcos. Resgatando a Natureza: Comunidades Tradicionais e Áreas Protegidas in: DIEGUES, Antônio Carlos (org.) *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 1. Ed. São Paulo: HUCITEC NUPAUB- USP, 2000, p. 225-256.

DESCOLA, Philippe. Ecologia e Cosmologia in: DIEGUES, Antônio Carlos (org.) *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 1. Ed. São Paulo: HUCITEC NUPAUB- USP, 2000. p. 149-163.

DIEGUES, Antônio Carlos. Etnoconservação da Natureza: Enfoques Alternativos in: DIEGUES, Antônio Carlos (org.) *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 1. Ed. São Paulo: HUCITEC NUPAUB- USP, 2000. p. 1-46.

GÓMEZ-POMPA, Arturo; KAUS, Andrea. Domesticando o Mito da Natureza Selvagem in: DIEGUES, Antônio Carlos (org.) *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 1. Ed. São Paulo: HUCITEC NUPAUB- USP, 2000. p. 125-147.

MUNDURUKU, Daniel. *Coleção Tembetá- Daniel Munduruku* 1. Ed. Rio de Janeiro: Beco do Azogue Editorial, 2018.

ROUÉ, Marie Novas. Perspectivas em Etnoecologia: “Saberes Tradicionais” e Gestão dos Recursos Naturais. Selvagem in: DIEGUES, Antônio Carlos (org.) *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 1. Ed. São Paulo: HUCITEC NUPAUB- USP, 2000. p. 67-79.

SARKAR, Sahotra. Restaurando o Mundo Selvagem in: DIEGUES, Antônio Carlos (org.) *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 1. Ed. São Paulo: HUCITEC NUPAUB- USP, 2000. p. 47-65.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografias*. Disponível em <http://lelivros.love/book/baixar-livro-sobre-fotografia-susan-sontag-em-pdf-mobi-e-epub/> . Acesso em 10/04/ 2019.